

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2010

VOLUME I



GOVERNO DO PARANÁ
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ



MARLENE BABETO RODRIGUES LOPES

**A EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO NOTURNO: UM DEBATE SOBRE AS
SUAS CAUSAS**

MARINGÁ

2012

MARLENE BABETO RODRIGUES LOPES

**A EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO NOTURNO: UM DEBATE SOBRE AS
SUAS CAUSAS**

Artigo apresentado ao Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE – Governo do Estado do Paraná – SEED – Turma de 2010 –área de Pedagogia, sob a orientação na UEM da Prof^a. Dr^a. Ruth Izumi Setoguti

MARINGÁ

2012

SUMÁRIO

	RESUMO	3
1	INTRODUÇÃO	4
1.1	PANORAMA DO ENSINO MÉDIO: DISCORRENDO OS PROBLEMAS E APRESENTANDO LIÇÕES BEM SUCEDIDAS	5
2	ENSINO MÉDIO NOTURNO: CONSTATAÇÕES NO COLÉGIO ESTADUAL DR. GASTÃO VIDIGAL – ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DE MARINGÁ, ESTADO DO PARANÁ	14
2.1	O DEBATE ATUAL SOBRE AS CAUSAS DA EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO	19
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
	ABSTRACT	23
	REFERÊNCIAS	24

A EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO NOTURNO: UM DEBATE SOBRE AS SUAS CAUSAS

Marlene Babeto Rodrigues Lopes*

Ruth Izumi Setoguti**

RESUMO

A presente proposta registra dados utilizados e debatidos com os professores e demais profissionais da educação do Colégio Estadual Dr. Gastão Vidigal – Ensino Fundamental e Médio da cidade de Maringá, Estado do Paraná e da comunidade externa acerca do problema da evasão e/ou do abandono de alunos do ensino médio noturno. Apresenta leitura com atualização de estudos e atenção aos debates que alguns especialistas das diferentes áreas acadêmicas produzem sobre a temática com o objetivo de entender as causas da evasão no ensino médio. O desligamento de muitas crianças e jovens do sistema de ensino é uma realidade na maioria das escolas brasileiras, constituindo-se assim um dos graves problemas a ser enfrentado por todas as esferas: nacional, estadual e municipal uma vez que compromete o futuro do jovem e por consequência o próprio desenvolvimento do país. Elenca-se o apresentado pelos meios oficiais e veiculados pela comunicação, ou seja, os baixos índices, e resultados das avaliações (externas) nacionais e internacionais dos alunos matriculados nas escolas brasileiras em geral.

Palavras-chave: Ensino Médio. Evasão. Abandono. Diversificação.

* Professora PDE 2010/2011, pedagoga da rede de ensino do Estado do Paraná – Colégio Estadual Dr. Gastão Vidigal, graduada em Pedagogia (UEM), especialização em Psicopedagogia.

** Professora do departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM), graduada em Psicologia, mestre em Psicologia Educacional e Doutora em Educação.

1 INTRODUÇÃO

Este Artigo é resultado de estudos teóricos realizados no período de trabalho do Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná – PDE da Turma 2010, de observações, e coleta de dados e intervenções no ambiente escolar.

Na tentativa em contribuir para a melhoria da escola pública apresenta-se, por meio deste, um estudo bibliográfico atualizado sobre o problema da evasão e do abandono escolar¹ no ensino médio. Neste trabalho utilizam-se também dados quantitativos e qualitativos do ensino médio noturno do Colégio Estadual Dr. Gastão Vidigal do município de Maringá Estado do Paraná. Por meio de formação continuada dos professores, da equipe pedagógica, da direção e dos demais membros da escola, buscou-se realizar uma análise e reflexão sobre o assunto, em virtude do elevado número de abandono e o decrescente número de matrículas novas no ensino médio do período noturno, sobretudo no primeiro ano, série de ingresso. Este fato causa inquietação e preocupação a todos os professores da escola, pois há alguns anos atrás as vagas eram disputadas por pais e alunos da cidade de Maringá e municípios circunvizinhos. Atualmente a situação é bem diferente, e a sensação que a maioria dos professores do colégio tem, é que dentro de alguns anos, o ensino médio não será mais ofertado à noite devido a baixa procura e ao mesmo tempo pelo alto índice de evasão e de abandono.

Em face disso, buscou-se levantar e sistematizar dados disponíveis na biblioteca do colégio e concomitante buscar na bibliografia elementos que pudessem esclarecer as causas deste fenômeno, haja vista a sua constatação nas escolas brasileiras. Recorreu-se à bibliografia pertinente, aos dados fornecidos pelo Censo Escolar, pela Pesquisa Nacional de Domicílios (PNAD), pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e pelo Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA).

¹ Os termos evasão e abandono escolar foram utilizados como consta no glossário do INEP, sendo: “a taxa de abandono é definida como a proporção de alunos da matrícula total na série k, no ano t, que abandonaram a escola e, a taxa de evasão é definida como a proporção de alunos da matrícula total na série k, no ano t, que não se matricula no ano t+” Disponível em: <www.edudatabrasil.inep.gov.br>.

A finalidade então é provocar um debate entre os profissionais das escolas estaduais do Paraná e buscar alternativas para aumentar a “audiência”² do Ensino Médio no período noturno, e ainda adequar a oferta de vagas às reais necessidades dessa clientela, buscando estratégias de intervenção para assegurar maior permanência dos jovens nesse nível de ensino.

1.1 PANORAMA DO ENSINO MÉDIO: DISCORRENDO OS PROBLEMAS E APRESENTANDO LIÇÕES BEM SUCEDIDAS

A evolução da educação brasileira nas últimas três décadas apresenta significativa melhora. O Brasil, na década de 1990, finalmente conseguiu universalizar o acesso à Educação Fundamental e assim romper o círculo vicioso do analfabetismo. Em 1992, o Brasil possuía 17,2% de analfabetos entre a população com idade de 15 anos ou mais. Em 2007, esse percentual foi reduzido para 9,9% e, em 2009, registrou-se outra queda: 9,7% (IBGE, 2011). A notícia alvissareira é que tem havido redução nas taxas de analfabetismo em todos os grupos de idade, e, entre as pessoas com dez anos ou mais, esta se reduziu para zero. O analfabetismo está restrito às pessoas mais velhas e, em geral, de regiões economicamente menos desenvolvidas.

Segundo Schwartzman (2008), a educação média, cuja matrícula cresceu fortemente ao longo dos anos 1990, está estagnada em nível inferior a 50% de cobertura. Menos da metade dos jovens entre 15 e 17 anos está no Ensino Médio, e quase a metade dos que estão nesse nível tem 18 anos ou mais, sobretudo em cursos noturnos, e com forte tendência a abandonar a escola antes de concluir esse ciclo de estudos.

A média de abandono no Ensino Médio no Brasil é de 17% e de evasão 9,6%. Na região Sul, onde está localizado o Colégio Estadual Dr. Gastão Vidigal, esta média é ligeiramente inferior: 15% e 9,2%.

² O vocábulo audiência aqui empregado baseou-se no estudo denominado **A crise de audiência do ensino médio** (2010), o qual resultou de um seminário com este mesmo título, organizado pelo Instituto Unibanco. O objetivo deste seminário foi promover juntamente com os especialistas a produção de conhecimentos sobre a evasão e o abandono no Ensino Médio e buscar estratégias de ação para seu combate.

De acordo com o Censo Escolar (IBGE, 2010), em cada 100 jovens matriculados no Ensino Médio dez abandonaram os estudos no Brasil.

A taxa de evasão escolar é elevada no Ensino Médio e vem aumentando ao longo do tempo. Dentre os países do Mercosul (Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai), o Brasil é o que apresenta maior taxa de abandono. No último Censo, o índice era de 13,2% para o Ensino Médio e 3,2% para o Fundamental (IBGE, 2011).

Apesar da alta taxa de evasão e de abandono de alunos no Ensino Médio, a expansão das matrículas no Ensino Fundamental e a melhoria do fluxo fizeram com que mais que dobrasse o número de alunos no Ensino Médio entre os anos de 1991 a 2004. Em 1991 havia 3,8 milhões de alunos e em 2004 este número saltou para 9,2 milhões (BARROS; MENDONÇA, 2010). O que ocorreu no Brasil neste nível de ensino foi uma verdadeira revolução educacional. Em 1970, havia 1.119.421 de alunos matriculados no Ensino Médio e em 2007 este número saltou para 8.369.369.

A partir de 2001, verifica-se relativa estabilização desses indicadores e aumento da evasão. Em consequência, o número de concluintes dos Ensinos Fundamental e Médio está diminuindo e a proporção de alunos com 17 anos ou mais começou a declinar a partir de 2003. Isso significa que a tendência de progresso na incorporação de alunos na idade correta, apontada pelas PNADs entre 1992 a 2001, dá sinais de esgotamento e está se revertendo (CASTRO, 2007).

Realmente, houve expansão do Ensino Médio sem precedente entre os anos de 1996 a 2004, mas há ainda no Brasil quase 2 milhões de jovens de 15 a 17 anos (18%) fora da escola, e que deveriam estar matriculados no Ensino Médio, e outros 17 milhões de jovens de 18 a 24 anos (68%), que também estão fora da escola (BARROS; MENDONÇA, 2010). Somando-se os dois grupos, chega-se a 86% de jovens entre 15 a 24 anos que estão fora da escola.

Este elevado contingente de jovens que não estão frequentando a escola em todo o Brasil, talvez explique parcialmente as razões do declínio no número de matrículas no Ensino Médio noturno do Colégio Estadual Dr. Gastão Vidigal. O que foi observado especificamente para o grupo de alunos desse Colégio, é que nos últimos anos, mais alunos estão na idade adequada à série, alguns com no máximo uma reprovação, deixando o período noturno, pois também estão fora do mercado de trabalho.

É sabido que o alto índice de abandono e evasão compromete seriamente o Ensino Médio. Dados do Censo Escolar (IBGE, 2010) revelam que, em 2009, dos

9,4 milhões de jovens de 14 a 17 anos matriculados, apenas 8,4 milhões estariam no Ensino Médio e somente 50,2% desses o concluíram. Dos concluintes apenas 10% demonstraram o nível de conhecimento esperado (IBGE, 2010).

A reduzida taxa de conclusão do Ensino Médio é um dos grandes gargalos da educação e da economia brasileira.

O percentual da população que completou o Ensino Médio é pequeno em relação ao de muitos países, cujo nível de desenvolvimento é semelhante ao do Brasil. Castro (1998) afirma, ainda, que o Brasil deve realizar um grande esforço para aumentar a taxa de escolarização nesse nível de ensino e melhorar, desta forma, a sua posição em relação aos países desenvolvidos e aos vizinhos da América Latina.

A média de anos de estudo dos brasileiros com mais de 25 anos é de 7,2 enquanto na Coreia do Sul é de 12 anos contra 13,2 nos Estados Unidos. Enquanto alguns países como a Coreia e a Espanha avançaram muito, apesar de nos anos de 1960 apresentarem indicadores semelhantes aos nossos, o Brasil ficou para trás, avançando muito lentamente até meados dos anos 1990 (CASTRO, 2007).

Parte da população brasileira ignora os benefícios que cada ano de escolaridade pode trazer em médio e longo prazo, sobretudo para o indivíduo. Quanto maior a escolarização, maiores impactos em outros elementos da vida das pessoas, como a expectativa de vida, saúde, fecundidade, criminalidade etc. O problema é que a maior parte dos jovens não tem visão de futuro, muitos até por causa da condição de pobreza em que vivem, ou, porque os ganhos resultantes da educação ocorrem em longo prazo o que nem todos podem esperar para aferi-los. Corroborando com essa ideia, Neri (2009, p. 31) afirma que “É fundamental que os jovens entendam o potencial da educação na transformação da sua condição de vida, que enxerguem o valor do esforço em estudar”.

A educação brasileira passa por um momento de transição, pois até os anos 1990 os problemas mais visíveis da Educação em nosso país eram as dificuldades de acesso à escola que afetava sobremaneira a população mais pobre. Sobre esse assunto, Schwartzman (2008, p. 7, grifo do autor) conclui “[...] Hoje o acesso à educação fundamental é praticamente universal e o problema prioritário passa a ser a qualidade”.

Profundas desigualdades regionais são manifestadas nas condições de oferta educacional, tanto em termos de infraestrutura escolar quanto dos

resultados do ensino. Neste aspecto a educação nacional deixa muito a desejar, hoje há escolas praticamente para todos, mas as desigualdades aparecem na repetência, no abandono escolar na adolescência e nas grandes diferenças de desempenho dos estudantes que permanecem nas escolas.

A qualidade da educação também, ainda não é considerada prioridade para muitos pais, que a classificam como “boa”, somente porque as crianças e os jovens estão tendo mais oportunidades de escolarização do que eles tiveram em um passado recente. Tanto os pais como os alunos precisam entender que a educação é um investimento para suas vidas, como também os impactos que uma maior escolarização lhes proporcionará em médio e longo prazo.

A falta de acesso a bens culturais e a baixa escolaridade dos pais também são fatores que favorecem o baixo desempenho dos alunos. A participação da família e a dedicação dos alunos nos estudos são de suma importância para que o Brasil seja capaz de superar o grande desafio de elevar o seu nível educacional. Schwartzman (2008) ressalta que vários fatores contribuem para a baixa qualidade do ensino e esses podem estar associados às características das escolas, dos alunos, dos professores e aos métodos. Nesse contexto, se situam as escolas de nosso país, mostrando que se tem muito para fazer, se conquistar e conseguir um ensino de qualidade.

Os jovens se formam no Ensino Médio com conhecimentos irrisórios. Para o consultor do “Movimento Todos Pela Educação” Mozart Neves Ramos (2010,) “[...] o que preocupa é que não saímos deste patamar, mesmo quando temos uma melhora no fundamental, quando o jovem vai para o Ensino Médio, estaciona”. Constata-se assim que os alunos têm chegado ao Ensino Médio com grande defasagem de conteúdo. Segundo Schwartzman (2010, p. 16), “No ensino fundamental, o problema é o analfabetismo funcional: muitos alunos chegam ao final do curso sem conseguir ler. É difícil lidar com esse aluno no ensino médio”.

Oliveira (2010, p. 1) afirma que “a melhor política social é a educação de qualidade, aliada a uma sólida política econômica geradora de empregos qualificados”, e, “[...] se o país não entender isso, perderá postos de trabalho para os estrangeiros”.

Os especialistas definem o IDEB como um avanço em relação aos outros medidores oficiais, pois além de mostrar o panorama da educação brasileira também estabelece metas para 46.000 escolas públicas do país, num sistema de cobranças

e incentivos. No caso do Ensino Médio, o IDEB do Brasil avançou de 3,5 para 3,6, superando a meta nacional de 2009.

Para o Ministro Fernando Haddad (2011) “[...] O objetivo é fazê-las chegar ao padrão dos países desenvolvidos”. Ainda há muito a ser feito, mas o resultado é bom já que as metas foram cumpridas e até superadas.

Para outros, as reformas devem ser mais profundas a fim de se conseguir resultados mais rápidos. Cristovam Buarque ex-Ministro da Educação afirma que “[...] as metas estabelecidas pelo IDEB são muito tímidas. Ficar satisfeito com essas notas é o mesmo que um pai aceitar uma nota baixa do filho só porque está na média”. Com esse crescimento, continuaremos atrás dos países desenvolvidos, o capital mais importante hoje em dia é o conhecimento. (BUARQUE, 2011).

Avaliações Nacionais como a Prova Brasil, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e o PISA mostram a ineficiência do ensino brasileiro, cujos resultados alcançados são insatisfatórios. O ENEM mostra que os brasileiros concluem a escola com deficiências básicas, o que lhes subtrai a chance de competir em igualdade de condições com jovens de todo o mundo. As escolas brasileiras, públicas e particulares precisam avançar muito para oferecer um bom ensino, pois apenas 6% (das 23.900) ficaram acima de 600 que é o patamar da média das escolas da OCDE.

Em suma, os resultados de desempenho da educação básica brasileira, medidos por diferentes avaliações nacionais e internacionais, confirmam a baixa qualidade do ensino e as dificuldades constatadas pelas avaliações do ensino superior do país.

O atual Ensino Médio não consegue motivar, atrair e fixar o jovem nessa etapa da educação básica. Segundo Mozart Neves Ramos presidente executivo do **Movimento Todos pela Educação**, é preciso inovar o Ensino Médio, fazer mudanças na organização curricular, para que o projeto pedagógico atenda à identidade desse ensino. Acrescenta ainda que o jovem quer uma escola que caiba na sua vida (RAMOS, 2010).

Na visão de Schwartzman (2010), um dos problemas básicos do Ensino Médio, no Brasil, comparado com o de outros países da América Latina, da Europa e dos Estados Unidos, é o fato de que nosso sistema de ensino é praticamente um só, ou seja, com um modelo tradicional e acadêmico baseado em conteúdo muito formal, impedindo que muitos jovens acompanhem o programa. Esse formato acadêmico não oferece alternativas para os estudantes que queiram seguir diferentes caminhos. Nem todos têm as mesmas condições de fazer o mesmo tipo

de curso médio. A Educação Básica ofertada no país é muito desigual, o que acaba levando muitos jovens à evasão ou ao abandono. A diversificação do sistema então atenderia às necessidades diversificadas das pessoas.

Ainda segundo Schwartzman (2010), o sistema em vigência no Ensino Médio não é formativo e está muito condicionado à entrada na universidade, direcionando assim o conteúdo do curso. Neste modelo do Ensino Médio brasileiro, o estudante tem que conhecer amplo leque de conhecimentos, inclusive de Filosofia, Sociologia e Arte. Ou seja, ele tem que conhecer um pouco de cada disciplina e desse modo, o aluno não aprende realmente, não consegue se aprofundar para ter competência e boa iniciação às ciências, o que é imprescindível numa sociedade contemporânea e globalizada.

Na perspectiva de Schwartzman (2008), é preciso dar opções às pessoas para que elas mesmas delimitem o que querem estudar.

Um efeito particularmente perverso desta legislação é o atrofiamento do ensino técnico no país, que ao invés de ser uma alternativa, se transformou em um peso adicional aos alunos que querem esse tipo de formação, já que ela não dispensa que eles façam também o currículo do ensino médio tradicional (SCHWARTZMAN, 2008, p. 46).

Outra crítica ao modelo atual do Ensino Médio é feita por Castro (2005 p.130);

Por tudo que sabemos, o médio é o ciclo do ensino com mais perplexidades. Está no meio do caminho, recebe uma diversidade crescente de alunos e não sabe o quê fazer com eles. Tem demasiado papéis, deve preparar parte dos alunos para o mercado de trabalho e outra parte para passar nos vestibulares e ingressar no ensino superior. Muitos dos jovens não estão seguindo nenhum dos dois caminhos, nem mesmo ingressando no médio.

No dizer de Schwartzman (2008), o Ensino Médio enfrenta crises no mundo todo e não é diferente em nosso país. Temos problemas básicos nesse nível de ensino por ser único, por não dar alternativas para os estudantes, os quais queiram seguir diferentes caminhos. A evasão e o abandono presentes nas escolas brasileiras refletem a incapacidade das instituições de oferecer uma educação significativa ao estudante, pois seus programas são demasiadamente amplos.

Analisando a experiência de outros países mais desenvolvidos e ressaltando suas características relevantes no âmbito do Ensino Médio, é permitido extrair

algumas lições gerais e alguns ensinamentos válidos para refletir sobre o Ensino Médio brasileiro. O Ensino Médio está praticamente universalizado nos países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), pois quase 90% dos jovens concluem o Ensino Fundamental e mais de 90% desses ingressam em algum tipo de Ensino Médio. Ao chegar no Ensino Médio, os jovens já frequentaram a escola durante oito ou nove anos.

O Ensino Médio mais que os demais níveis de ensino sempre sofreu e sofre grandes tensões em todos os países, pois existe a dificuldade de se encontrar consenso para definir currículos. Para Oliveira (2010), a forma da diversificação da oferta do Ensino Médio nos diferentes países tem origens históricas e culturais e refletem o reconhecimento de que as pessoas não são iguais e que possuem talentos variados, nível de preparo, motivação e condições de enfrentar cursos de diferentes níveis de abstração.

Recentemente, a diversificação tem sido usada como estratégia para estimular os alunos a permanecer o maior tempo possível na escola, possibilitando aos jovens a mudarem de idéia, trocarem de cursos e manter aberta a possibilidade de continuidade de estudos, especialmente os de nível superior, assegurados por equivalência e transição entre os vários tipos de curso. A diversificação do Ensino Médio em alguns países, também tem a ver com as exigências do mercado de trabalho, apesar de que isso tem se tornado menos relevantes dadas às incertezas associadas às mudanças tecnológicas.

O conceito de “educação geral” não constitui uma vertente específica, a característica mais saliente da oferta do Ensino Médio é a diversificação, que normalmente ocorre na forma de ensino acadêmico e profissionalizante. Dentro de cada vertente, há outras diversificações.

O que se observa, portanto, é um mundo com fronteiras bastante marcadas, mas também com flexibilidade, e com crescentes convergências face aos desafios da sociedade globalizada. Nos países de língua alemã, a diferença de conceito não existe, o termo *bildung*, que pode ser traduzido como formação ou educação, tanto é usado para a educação acadêmica quanto profissional.

O Brasil tentou copiar o sistema francês que é bom, como explica Schwartzman (2010, p. 17). “[...] se a cópia fosse bem feita, o aluno teria uma boa iniciação à ciência, receberia uma boa educação de bons professores de matemática, de física”. As escolas recebem alunos com muita diferença na

formação, é diferente de países com uma educação mais homogênea (França) em que as escolas ensinam as mesmas coisas à mesma hora. Esse não é o nosso mundo, o nosso, é o das diversidades locais, portanto não dá para simplesmente copiar modelos sem entender seus contextos originais.

No modelo inglês, o A-level, o aluno escolhe três disciplinas e trabalha nelas: ele se prepara durante o Ensino Médio naqueles conteúdos que escolheu; ou seja: matemática, química e inglês. Ele se aprofunda, tem a oportunidade de tomar conhecimento daquilo, lendo e discutindo e nesse processo de aprofundamento, o aluno tem a possibilidade de ganhar competência e capacidade.

As margens de escolha variam nos diferentes países. Atualmente, um dos países mais flexíveis é o modelo da Finlândia, que organizou o currículo em módulos semestrais, e o ensino não é seriado, bastando ao aluno acumular um determinado número de créditos para se graduar.

Também nos Estados Unidos a flexibilidade é muito ampla com algumas exigências relativas a um mínimo de cursos de língua e matemática, embora o nível de dificuldade possa ser variável. Ainda sobre a diversificação, há dois modelos no mundo. O europeu tradicional que cria escolas diferentes e a gesamthochschule,

A legislação dos anos de 1930, do Gustavo Capanema, tratava do ensino industrial, ensino técnico, ensino agrícola e ensino secundário. Era a ideia tradicional, europeia, daqueles anos: o filho do operário vai fazer ensino técnico; o filho da classe média, da burguesia vai fazer ensino acadêmico.

Os alemães tiveram esse sistema funcionando bem durante muito tempo; quem cursava o ensino técnico se tornava um trabalhador especializado muito competente, embora não tivesse acesso à universidade. Os conhecimentos de tipo técnico e científico não são ensinados de forma teórica, mas, sobretudo no chão da fábrica. Se o sistema se desliga do setor produtivo, não há nem uma coisa nem outra. Fato que acontece na maioria das escolas técnicas do Brasil o ensino fica numa espécie de vazio: não têm o conteúdo acadêmico e também não têm o conteúdo profissional adequado.

Outro modelo europeu (mais parecido com o americano) que os alemães estão tentando, a gesamthochschule que é uma escola integrada compreensiva frequentada por diferentes tipos de estudantes com alternativas de formação dentro da mesma escola o que permite ao aluno fazer programas diferentes e ajustáveis às suas perspectivas e possibilidades. Por exemplo, a matemática é ofertada com

vários níveis de exigência e o estudante pode optar mediante suas escolhas futuras. O que possibilita a alguns candidatarem-se aos cursos de engenharia e outros não. Dessa forma, o aluno tem opções, alternativas de formação. O que não é muito fácil na mesma escola fazer coisas diferentes.

Na maioria dos países da OCDE - com exceção dos da América do Norte - a conclusão do Ensino Médio se dá pela aprovação em um exame de conclusão, organizado ou supervisionado pelo estado, é uma referência, mas não única (como o ENEM no Brasil) apresentam uma gama de alternativas. O Chile tem a prova de Seleção Nacional de Ensino Universitária (PSU).

A França tem o baccalauréat, e outros que o aluno pode escolher (4 ou 5 diferentes) e se preparar para uma delas; a Alemanha tem o Abitur; na Inglaterra, o aluno escolhe os A-levels que quer fazer, e a escola pode optar para preparar alunos para uma ou outra, certificando-os com uma dada referência, o que facilita também a seleção dos alunos pela universidade.

Não fazem uma prova só, os examinadores externos veem a escola e aplicam avaliações mais ricas e qualitativas. Há também outras denominações como Maturité, Matura, AGSE, e o objetivo desses exames é estimular a melhoria da qualidade do ensino, mas o desafio sempre oscila entre encorajar a qualidade sem desestimular a permanência dos jovens na escola.

Cabe observar que, nos vários países já mencionados entre 10% e 40% dos alunos se qualificam para enfrentar os cursos superiores de maior rigor, explicando o porquê os países mais avançados não unificam seus cursos médios e procuram a flexibilidade e diversificação das várias vertentes. Para concluir, vale ressaltar que em nenhum país da OCDE há testes de acesso ao Ensino Superior baseados em competências gerais ou multidisciplinares: ou são baseados em habilidades verbais e cognitivas ou no domínio de conhecimentos disciplinares específicos - ambos fortes preditores de sucesso acadêmico.

As questões do fazer pedagógico merecem reflexão por parte dos professores, legisladores e demais envolvidos com a Educação, tendo por base sempre os fatores internos e externos à instituição escolar. O país não pode simplesmente transpor modelos de outros países para nossa realidade desconsiderando a infraestrutura precária presente na maioria das escolas.

2 ENSINO MÉDIO NOTURNO: CONSTATAÇÕES NO COLÉGIO ESTADUAL DR. GASTÃO VIDIGAL – ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DE MARINGÁ, ESTADO DO PARANÁ

O colégio foi criado em 1953 com o nome de Ginásio Municipal de Maringá passando a ser da rede estadual, em 1954, com o nome de Ginásio Estadual de Maringá, sendo a primeira escola do município a oferecer o 1º ciclo: curso ginásial. Sempre teve o seu nome lembrado com prestígio e boa reputação, e as vagas eram muito disputadas pelos moradores da cidade e de municípios circunvizinhos que buscavam um ensino de qualidade. Nos anos 90, o colégio apresentou elevado número de matrículas seguindo a expansão que houve em todo Brasil, inclusive no período noturno que contava em 1994 com 21 turmas do Ensino Médio. Desde então, o número de matrículas no período noturno vem caindo vertiginosamente, como também é grande o número de alunos que abandonam principalmente na 1ª série.

No ano de 2011, o colégio contava com 39 turmas do Ensino Médio, sendo 20 no período matutino, 15 no vespertino e somente quatro no noturno. Oferece também, Ensino Fundamental nas séries finais no turno diurno (matutino e vespertino) e Ensino Técnico Profissionalizante subsequente – pós médio (noturno) com dois cursos diferenciados; sala de recurso para deficiência Intelectual; sala de recurso para Altas Habilidades; sala de recursos Multifuncionais; Atividades Complementares como o Centro de Línguas Estrangeiras Modernas - Celem (espanhol, francês, japonês) e treinamento desportivo - futsal, handebol, basquete.

Os alunos e professores utilizam um bom e funcional espaço físico e os seguintes ambientes pedagógicos: laboratório de ciências e biologia; laboratório de física; laboratório de química; laboratório de informática; laboratório de matemática; sala de apoio; salas de contra-turno; salas de recurso; biblioteca; salão nobre; sala de multimídia; e cantina escolar. O colégio recebeu premiação pela expressiva participação nas Olimpíadas Brasileiras de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) desde 2007, e garantindo neste ano (2011) o quarto lugar em todas as escolas do Paraná.

No Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) 2009, o Colégio teve 275 alunos participantes obtendo Média Total (Redação + Objetivas) 552,33.

O problema maior evidencia-se no período noturno em que ocorre evasão dos muitos jovens que terminam o Ensino Fundamental e nunca chegaram ao Ensino Médio e o abandono daqueles que se matricularam, mas não têm participação efetiva, o que

vem causando preocupação aos professores, à equipe pedagógica e à direção, apresentando excessivas faltas, atraso no horário de chegada, não fazendo atividades, comprometendo a aprendizagem.

Registra-se que os discentes do turno noturno não se originam das 8ª séries do próprio colégio; estes alunos vêm de diferentes pontos da cidade do Ensino Fundamental regular e também, muitos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), por situar-se em zona central e o transporte coletivo da cidade ser gratuito aos estudantes. Muito destes alunos procuram o colégio para a sua matrícula por considerarem uma escola de qualidade e segura com relação à violência, mas não apresentam muito compromisso e entusiasmo para com os estudos e quando há dificuldade para conciliar horários de trabalho e estudos, optam por abandonar a escola. Segundo a PNAD e o Censo nas regiões Sul e Sudeste, onde a demanda de oferta de empregos é maior, também se verifica mais jovens abandonando os estudos.

Por outro lado, o que se pode identificar também é que especificamente neste colégio, no geral, a distorção idade/série é pequena em relação aos outros Estados do país, melhorando assim o índice de alunos na idade correta no período diurno. O fluxo correto também poderia explicar a queda na proporção de matrículas no Ensino Médio noturno.

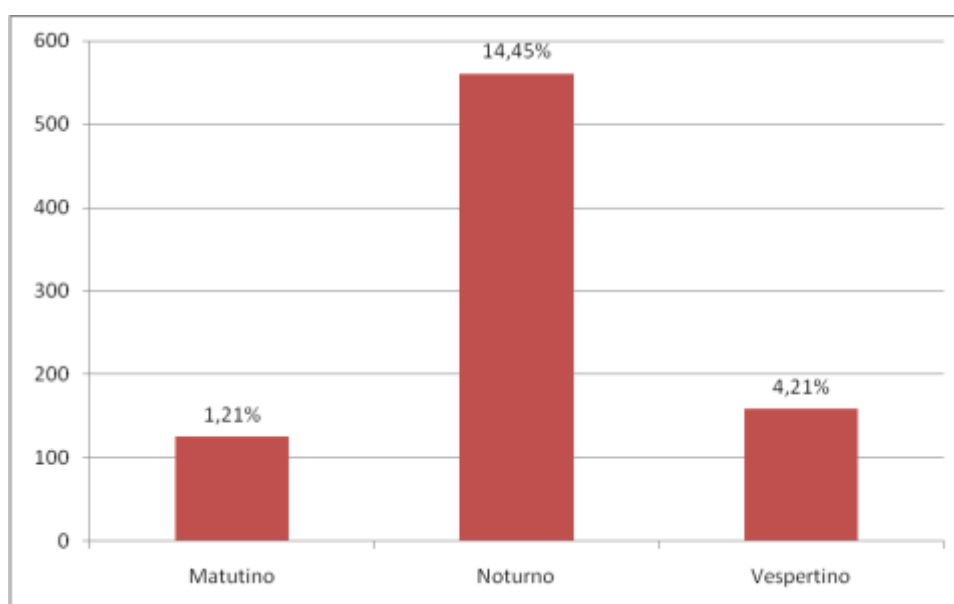


Gráfico 1 – Percentual de alunos do Ensino Médio desistentes por período, de todas as séries, no Colégio Estadual Dr. Gastão Vidigal durante os anos de 1999 a 2009.

Fonte: Secretaria de Estado da Educação do Paraná (2010).

Constata-se que o maior índice de desistência apresentou-se no período noturno, sendo de 14,45% do total de 3.875 alunos matriculados, enquanto que os períodos vespertino e matutino apresentaram índices bem inferiores, sendo um total de 4,21% de um total de 3.753 alunos matriculados, e 1,21% de um total de 10.242 alunos matriculados, respectivamente. No Gráfico 1 registra-se o alvo de estudo proposto neste trabalho, evidenciando a necessidade de análise dos fatos que mostra a realidade da desistência /abandono no período noturno.

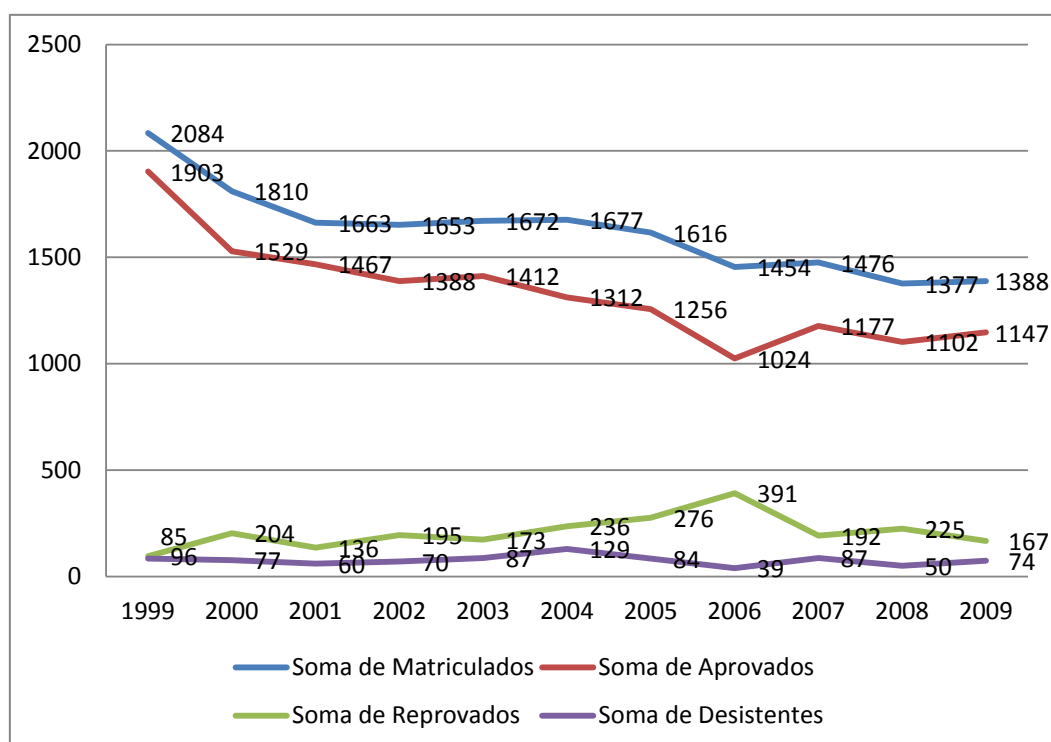


Gráfico 2 – Comportamento do total de alunos matriculados, aprovados, reprovados e desistentes, no Colégio Estadual Dr. Gastão Vidigal no período correspondido entre os anos de 1999 e 2009.

Fonte: Secretaria de Estado da Educação do Paraná (2010).

As informações apontadas por meio do Gráfico 2 sobre o número de matrículas que, somente no Ensino Médio em 1999, era de 2.084 alunos e houve a queda nos anos posteriores até chegar no ano de 2009 com 1.388 alunos matriculados, tem-se sobre a aprovação, o índice de 91% para os 2.084 matriculados em 1999, sendo que de 2000 a 2003 o índice foi de aproximadamente 80% como também de 2008 a 2009, e entre 2004 a 2007 foram aprovados

aproximadamente 70%. Dos reprovados, pode-se observar que o ano de 2006 foi o que apresentou maior número, com 391 reprovações.

Na Tabela 1 são mostrados os percentuais de abandono no Ensino Médio, noturno no período de 1999 a 2009, evidenciando a queda no número de matrículas em todo o ensino noturno. Em 1999, 733 alunos se matricularam no Ensino Médio (do primeiro ao terceiro ano); em 2005, esse número reduziu-se drasticamente para 288 e, em 2009, houve outra queda - 175 matrículas.

Tabela 1 – Total e percentuais de alunos matriculados e desistentes, no período noturno, Colégio Estadual Dr. Gastão Vidigal durante os anos de 1999 a 2009

Ano	Matriculados	Desistentes	
		Total	Porcentagem
1999	733	70	9,55%
2000	511	56	10,96%
2001	346	41	11,85%
2002	372	44	11,83%
2003	402	58	14,43%
2004	409	83	20,29%
2005	288	56	19,44%
2006	247	21	8,50%
2007	234	42	17,95%
2008	158	49	31,01%
2009	175	40	22,86%
Total geral	3875	560	14,45%

Fonte: Secretaria de Estado da Educação do Paraná (2010).

Esses dados são extremamente significativos, pois apontam para a tendência decrescente no número de matrículas no Ensino Médio noturno do Colégio Estadual Dr. Gastão Vidigal. Ao persistir essa tendência, em breve, o Colégio terá que fechar as turmas neste turno por falta de alunos.

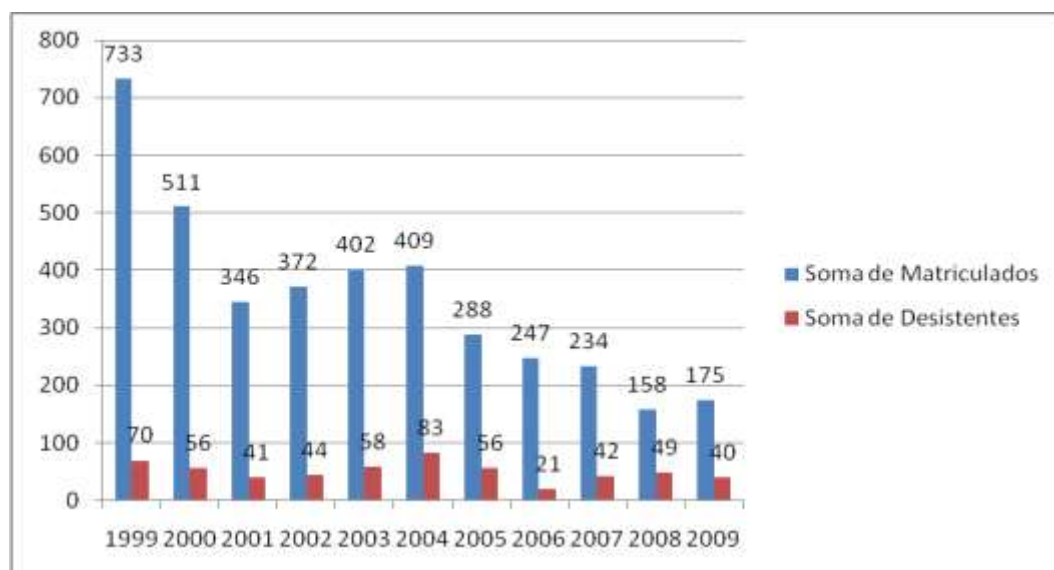


Gráfico 3 – Total de alunos do Ensino Médio noturno, matriculados e desistentes, de todas as séries, no Colégio Estadual Dr. Gastão Vidigal durante os anos de 1999 a 2009.

Fonte: Secretaria de Estado da Educação do Paraná (2010).

No Gráfico 3 demonstra-se a queda vertiginosa no número de alunos matriculados no Ensino Médio noturno do colégio. De 733 alunos no ano de 1999 para 175 no ano de 2009 como também o número de desistentes, que era de 9,55% para 22,86%.

Tabela 2 – Total e percentuais de alunos matriculados e desistentes, no Ensino Médio noturno, por série, no Colégio Estadual Dr. Gastão Vidigal durante os anos de 1999 a 2009

Série	Matriculados	Desistentes	
		Total	Porcentagem
Primeira Série	1020	255	25,00%
Segunda Série	1251	149	11,91%
Terceira Série	1604	156	9,73%
Total geral	3875	560	14,45%

Fonte: Secretaria de Estado da Educação do Paraná (2010).

Na Tabela 2 observa-se que a primeira série é a que mais apresenta desistência com 25% dos 1020 matriculados na década. Ratificando com as

estatísticas nacionais sobre a evasão/abandono dos jovens com 15 a 17 anos de idade.

2.1 O DEBATE ATUAL SOBRE AS CAUSAS DA EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO

O Ensino Médio noturno é considerado, nos meios educacionais, um desafio a ser enfrentado. Ele apresenta altas taxas de abandono e evasão escolar, causando preocupação a educadores, legisladores, empresários, pais e toda sociedade civil, pois é um problema que afeta a juventude e o próprio desenvolvimento do país.

O Brasil, na Conferência Mundial de Educação em, Jomtien, que ocorreu em 1990, na Tailândia, foi uma das nações que assumiu o compromisso com a Declaração Mundial de Educação para Todos, documento que se tornou referência para a elaboração de leis e planos oficiais para diferentes países.

A evidente necessidade de um movimento contínuo de reflexão e ação, voltado para reverter os baixos índices da educação brasileira, diminuir os índices de evasão e abandono, passou a ser meta das nações signatárias do “Todos Pela Educação”. Sobre isto, Torres (2001apud BOGO; KIMIKO, 2005, p. 53) afirma:

A Educação para Todos coincidiu com, ou contribuiu para suscitar (ou ressuscitar) um importante movimento de expansão e reforma em torno da educação básica, gerou múltiplas iniciativas e descobriu novos recursos humanos e financeiros, tanto internacional como nacionalmente. Programas e projetos novos - vários deles inovadores - vieram à luz nos últimos anos, em um clima geral que favorece a inovação e a experimentação.

Entre os países que assinaram a “Declaração de Jomtien”, o Brasil foi um dos que mais se destacou na década de 1990. Conseguiu promover a expansão de matrículas no Ensino Fundamental e a melhoria do fluxo e, assim, aumentar o número de alunos matriculados no Ensino Médio até meados dos anos 2000.

De acordo com Castro (2007), esse movimento foi mudando, pois os censos escolares de (2005 e 2006) já indicavam queda na matrícula do Ensino Médio antes mesmo de se completar a plena universalização do acesso. No período noturno

também houve queda na proporção de matrículas, apontando para o aumento do número de alunos na idade correta no período diurno. O Ensino Médio não é mais predominantemente noturno, como era na década passada. O que se observa é o aumento da evasão, e como consequência o número de concluintes dos Ensinos Fundamental e Médio está diminuindo e a proporção de alunos com 17 anos ou mais começou a declinar a partir de 2003.

Alguns estudos realizados, como os de Schwartzman, mostram que a repetência, e não a necessidade de trabalhar é um dos principais fatores que determinam a evasão escolar no Ensino Médio. Nesse aspecto, Schwartzman (2008, p. 13), com base nos dados da PNAD, esclarece:

O grande número de jovens que não estuda nem trabalha, sobretudo entre a população mais pobre, e o número significativo dos que estudam e trabalham mostram que o que tira o adolescente da escola não é tanto a necessidade de trabalhar, como alguns economistas ainda pensam, mas o fracasso em retê-lo. O principal indicador disso são as altas taxas de repetência, que são fortemente influenciadas, mais uma vez, pelo nível sócio-econômico das famílias dos estudantes.

Outro fator apontado por Schwartzman (2008), como responsável por impedir a universalização do Ensino Médio no Brasil, é a falta de diversificação ou flexibilização do curso oferecido. Neste país, o Ensino Médio apresenta somente um modelo, o de caráter acadêmico, e serve apenas de passagem para a educação superior. No entendimento de Schwartzman (2010, p. 16), “pelo fato de o modelo ser único – o modelo tradicional, acadêmico, parte das pessoas não conseguem acompanhar o programa e não chegam ao final; ou quando chegam [é] com muita dificuldade”.

Para Castro e Tiezzi (2005, p. 120), é preciso que a Educação se adapte às rápidas evoluções tecnológicas. Desse modo, o Ensino Médio deveria propiciar a rearticulação da educação, do trabalho e da tecnologia, constituindo, assim, um novo desafio que exige mais flexibilidade institucional, parcerias inovadoras e conteúdos em permanente atualização.

Após uma pesquisa inovadora com base nos dados da PNAD e com jovens de todos os Estados da federação, por meio de perguntas diretas aos alunos e pais sobre as razões que levam o jovem não frequentar a escola, Neri (2009, p. 35) conclui que “a falta de interesse pela escola é o principal motivo que leva o jovem

brasileiro a evadir (grifos nossos)”. O autor revela, ainda, que 40% dos jovens de 15 a 17 anos que se evadem deixam de estudar simplesmente porque acreditam que a escola é desinteressante. Acrescenta que, apesar de diversos estudos demonstrarem o impacto da educação na qualidade de vida e na renda dos indivíduos, em 2006 17,8% da população de 15 a 17 anos, que deveriam estar cursando o Ensino Médio caso não houvesse atraso escolar, estavam fora da escola (NERI, 2009).

Para Neri (apud ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS, 2011), “não basta garantir o acesso ou criar programas de renda para assegurar que esse jovem permaneça na escola, é preciso torná-lo mais atrativo, interessante e cativante. O problema da evasão é grave e atinge quase 20% da população de 15 a 17 anos”.

Para Wanda Engel (apud ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS, 2011), falta ao jovem entender que a educação é um investimento necessário. “Conseguir o diploma do Ensino Médio é essencial para entrar na vida adulta”. Para ela, o problema precisa ser atacado em três níveis: criar condições mínimas para que esse jovem frequente a escola; melhorar a qualidade da escola; e fazer um trabalho para que esse jovem tenha a capacidade de sonhar com o futuro.

A pesquisa de Neri (2009) mostra a existência de um gargalo, ou seja, um afunilamento no número de alunos no Ensino Médio, da mesma forma como já existiu no Ensino Fundamental. Para vencer esse gargalo, é preciso condições de atrair o jovem para a escola, é necessário despertar e conquistar o interesse do jovem em permanecer na escola.

As avaliações externas de aprendizagens nacionais, como SAEB, a Prova Brasil e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), e internacionais, como o PISA, mostram a ineficiência do ensino brasileiro, cujos resultados alcançados pelos estudantes brasileiros são insatisfatórios.

Outro olhar é a baixa formação escolar de alunos brasileiros no Ensino Fundamental, provavelmente, um fator que está na raiz, ou seja, alta taxa de evasão no Ensino Médio no País. Essa visão se baseia em diversos estudos e dados disponíveis, hoje, como, por exemplo, o trabalho de Kam, Schwartzman e Torres (2010, p. 16):

Como as escolas ensinam mal, muitas crianças permanecem na escola, mas não aprendem, e a partir dos 12 ou 13 anos de idade, começam a deixar a escola em grandes números. Aos 15 anos, 10% dos adolescentes já saíram da escola, aos 17 anos deveriam estar completando o ensino médio, a perda já é de 25 %. Aos 18, quase a metade dos jovens já desertou.

O percentual da população brasileira que conclui o Ensino Médio no Brasil é proporcionalmente pequeno. Para que o País possa se inserir no mundo globalizado, acompanhar os avanços que estão alcançando as nações em desenvolvimento é preciso enfrentar seriamente o problema da evasão no Ensino Médio e melhorar a qualidade do ensino.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as leituras e as análises de dados tabulados, registra-se a atualização de estudos e debate sobre as causas da evasão segundo alguns estudiosos. Os momentos de explicações acerca de diversos pontos de vista sobre essa temática junto aos docentes e profissionais da educação do Colégio Estadual Dr. Gastão Vidigal – Ensino Fundamental e Médio da cidade de Maringá, Estado do Paraná aconteceram de forma enriquecedora, pois houve efetiva participação e contribuições para o debate, refletindo e opinando sobre os fatos apresentados, com leitura, exposição de idéias, verificação e comparações de resultados das avaliações e exames nacionais e internacionais, relato de experiências da prática escolar que visasse permanência do jovem na escola.

Constatou-se que a necessidade de maior escolarização das crianças e jovens em nosso país deixou de ser tema exclusivo de professores, envolvendo também economistas, sociólogos, psicólogos, estatísticos, historiadores, empresários, administradores públicos, enfim, toda a sociedade civil. Este problema deve ser enfrentado por todos, pois a evasão escolar compromete o futuro dos jovens e o desenvolvimento da nação.

A relevância em olhar o interior da escola com dados expostos em gráficos e tabelas evidenciou novos direcionamentos para o atendimento aos discentes do

colégio, pois as causas da evasão e/ou do abandono estão intrínsecas ao processo de ensino aprendizagem.

THE NOCTURNE HIGH SCHOOL EVASION: A DEBATE ON ITS CAUSES

ABSTRACT

This proposal records data from the discussion about the abandonment and evasion of high school students. The report was obtained from the external community, teachers and other education professionals from Dr. Gastão Vidigal campus – a state, elementary and secondary education high school in Maringa, Parana. The study focus was debated about the problem of the evening students' abandonment. Update studies were showed with reading and attention to the researches that some experts from different academic areas have on the subject in order to understand the causes of dropping out of high school. The absence of many children and young people from the education system is a reality in most Brazilian schools, thus becoming one of the serious problems of national, state and municipal levels. As a consequence, the future of young are compromised as well as the actual development of the country. The present facts are illustrated by the official media and broadcast communication; in other words, low levels of index and results, bad marks in national and international evaluations from students registered in Brazilian schools in general.

Keywords: High school. Evasion. Abandonment. Diversification.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. **Desinteresse é o principal motivo da evasão escolar dos jovens, afirma pesquisa da FGV- RJ**. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/jornaleeducacao/noticias/pesquisa-da-fgv-mostra-causas-da-evasao-escolar-no-pais/>>. Acesso em: 15 abr. 2011.
- BARROS, Ricardo Paes; MENDONÇA, Rosana. Abandono e evasão no ensino médio no Brasil: magnitude e tendências. In: _____. **A crise de audiência no ensino médio**. São Paulo: Instituto Unibanco; Educação Para Todos, 2010. p. 3-36.
- BARROS, Ricardo Paes; MENDONÇA, Rosana. **Como vai a educação segundo o IDEB?** Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/indicadores/notas-ideb-422895.shtml>>. Acesso em: 8 maio 2011.
- BOGO, Lucia Vitoriana; KIMIKO, Amélia. O Ensino Médio no Brasil: Política educacional pós - 1998. In: AZEVEDO, Mario Luiz Neves (Org.). **Política educacional brasileira**. Maringá: Eduem, 2005. p. 51-66.
- BORGES, Priscilla. **Só metade dos brasileiros entre 15 e 17 anos está no ensino médio**. Brasília, DF, 14 set. 2010. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/so+metade+dos+brasileiros+entre+15+e+17+anos+esta+no+ensino+medio/n1237776251005.html>>. Acesso em: 13 abr. 2011.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília, DF, 1999.
- BRASIL. **Reestruturação e Expansão do Ensino Médio no Brasil**: GT Interministerial instituído pela Portaria nº. 1189, de 05 de dezembro de 2007 e a Portaria nº. 386, de 25 de março de 2008. Brasília, DF: MEC, 2008.
- BUARQUE, Cristovão. **[Entrevista]**. Disponível em <http://www.educar.com.br/depoimentos>. Acesso em: 18 abr.2011.
- CASTRO, Cláudio de Moura. Ensino médio: no olho do furacão. In: CASTRO, Cláudio de Moura et al. **Ensino médio diversificado**. Rio de Janeiro: SENAC, 2008. Ciclo de Seminários Internacionais Educação no Século XXI: modelos de sucesso.
- CASTRO, Cláudio de Moura. **O secundário: esquecido em um desvão do ensino?** Brasília, DF: MEC/INEP, 1997.
- CASTRO, Maria Helena Guimarães. **Avaliação do sistema educacional brasileiro: tendências e perspectivas**. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1998. Disponível em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000110.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2011.

CASTRO, Maria Helena Guimarães. O Desafio da qualidade. In: ITAUSSU, Arthur; ALMEIDA, Rodrigo de (Org.). **O Brasil tem jeito?** Rio de Janeiro: Zahar, 2007. cap. 2, p. 35-72.

CASTRO, Maria Helena Guimarães; TIEZZI, Sérgio. A reforma do ensino médio e a implantação do Enem no Brasil. In: BROCK, C.; SCHWARTZMAN, S. (Org.). **Os desafios da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. p. 115-148.

HADDAD, Fernando. **[Entrevista]** .Disponível em: <http://www.educarparacrescer.com.br/depoimentos>. Acesso em 18 abr.2011.

IBGE. **Censo escolar**. 2009. Disponível em: www.inep.gov.br. Acesso em: 12 abr. 2011.

IBGE. **Censo escolar**. 2010. Disponível em: <sitio.educacenso.inep.gov.br>. Acesso em: 12 abr. 2011.

IBGE. **Edudata Brasil**: sistemas de estatísticas educacionais. Disponível em www.edudatabrasil.inep.gov.br. Acesso em: 1 maio 2011a.

IBGE. **Séries estatísticas e séries históricas**. Disponível em: seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=PD331&t=taxa-de-analfabetismo-de-pessoas-de-15-anos-ou-mais-de-idade. Acesso em: 1 maio 2011b.

KAM, Liu Fat; SCHWARTZMAN, Simon; TORRES, Sueli. **Uma contribuição pedagógica para a educação brasileira**: Programa de Educação Integrada desenvolvido pela Fundação Romi desde 1993. São Paulo: Adonis, 2010.

NERI, Marcelo Cortês. **O tempo de permanência na escola e as motivações dos sem-escola**. Rio de Janeiro: FGV: IBRE: CPS, 2009.

NOSELLA , Paolo. Ensino Médio: em busca do princípio pedagógico. In: COLÓQUIO DE PESQUISA SOBRE INSTITUIÇÕES ESCOLARES, 6., 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Uninove, 2009. p. 2

OKADA, Ana. PISA 2009: Xangai, na China, lidera ranking de leitura entre estudantes; Brasil está em 53º. **UOL Educação**, 2010. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/ultnot/2010/12/07/pisa-2009-china-lidera-ranking-de-leitura-brasil-esta-esta-em-53.jhtm>>. Acesso em: 7 dez. 2010.

OLIVEIRA, João Batista Araújo. **Ensino médio**: as lições da experiência internacional. 2010. Disponível em: www.alfaabeto.org.br/arquivos/documentos/reformas-na-educacao.pdf. Acesso em: 16 mar. 2011.

OLIVEIRA, João Batista Araújo; SCHWARTZMAN, Simon. **A escola vista por dentro**. Belo Horizonte: Alfa Educativa, 2003.

PARANÁ. Secretaria de Educação do Estado do Paraná. **Currículo básico para a escola Pública do Estado do Paraná**. Curitiba: Gráfica Oficial, 1992.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Material de apoio**: texto coletivo produzido pelas equipes pedagógica em Curitiba. Curitiba, 2009.

PARANÁ. Secretaria de Educação do Estado do Paraná. Os desafios educacionais contemporâneos e os conteúdos escolares: reflexos na organização da proposta pedagógica curricular e a especificidade da escola pública. In: _____. **Orientações para a semana pedagógica**. Curitiba: 2008. p.7-10

RAMOS, Mozart Neves. [Entrevista]. **40% dos jovens evadem por desinteresse** – Notícias Comunicação e Mídia: Todos pela Educação. 2010. 1 Video. Acesso em: 25 jun. 2010.

RODRIGUES, C. São Paulo, 2011 Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educação>> Fonte: Censo 2010, censo escolar 2010, Prova Brasil 2009.

SCHWARTZMAN, Simon. **Equidade e qualidade da educação brasileira**. São Paulo: Ed. Moderna, 2008

SCHWARTZMAN, Simon. Entrevista. **Revista Ensino Superior UNICAMP**, Campinas, SP, ano 1, n. 2, p.16-25, 2010.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ. **Colégio Estadual Dr. Gastão Vidigal - Ensino Fundamental e Médio**. Gráficos e tabelas disponíveis às equipes pedagógicas. Disponível em: www4.pr.gov.br/escolas/frmPesquisaEscolas.jsp e www.sere.pr.gov.br Acesso em: 25 jun. 2010.

SILVA, Luiz Carlos Faria da. O verdadeiro risco Brasil: uma escola que não sabe ensinar a ler e escrever. **Digesto Econômico**, Rio de Janeiro, ano 66, n. 462, p. 70-90, jan./fev. 2011.